

DOI: <https://doi.org/10.18764/2178-2229v33n2e26348>

O protagonismo surdo em uma região amazônica: experiências de vida escolar

Deaf protagonism in an amazonian region: school life experiences

El protagonismo sordo en una región amazónica: experiencias de
vida escolar

Daiane Pinheiro

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6572-301>

Jonathan Rafael Cardoso Guimarães

ORCID: <https://orcid.org/0009-0006-9104-3672>

Sofia Freire

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9394-9738>

Resumo: Este estudo tem como objetivo compreender como as experiências escolares vividas por Surdos influenciaram a construção de seu protagonismo político, cultural e linguístico. Reconhece-se o protagonismo Surdo como posição política, cultural e linguística da diferença que perpassa todas as experiências de vida. O trabalho alinha-se aos Estudos Surdos ao situar os sujeitos em sua singularidade linguístico-cultural, convergindo com a Filosofia da Diferença ao afirmar a diferença como elemento produtivo e plural e ao recusar categorias universais e fixas. Essa pesquisa se deu no contexto de um evento que discutiu a educação de Surdos na região a partir de experiências escolares de adultos Surdos. A identificação dos protagonistas ocorreu por meio de associação da comunidade surda local, grupos de pesquisa da Universidade Federal do Oeste do Pará e membros da comunidade externa, orientada por critérios de reconhecimento institucional/público e trajetórias de subjetivação. Foram identificados 17 Surdos protagonistas; os cinco mais indicados, residentes em Santarém-PA, foram convidados para o evento e a pesquisa. Todas as apresentações foram filmadas para posterior tradução e análise dos discursos na perspectiva foucaultiana. Os participantes relataram vivências de exclusão, destacando capacitismo e a imposição da oralização como critério normativo de pertencimento nos espaços familiar, social e educacional. A institucionalização de discursos excludentes reforça a normatização de condutas e promove desigualdades históricas e estruturais. O estudo evidencia também processos de ressignificação da identidade Surda, com protagonistas assumindo papéis ativos na reconstrução de seus percursos educacionais e profissionais.

Palavras-chave: protagonismo surdo; educação; Amazônia.

Abstract: This study aims to understand how school experiences lived by Deaf people influenced the construction of their political, cultural, and linguistic protagonism. Deaf protagonism is recognized as a political, cultural, and linguistic position of difference that permeates all life experiences. The work aligns with Deaf Studies by situating subjects in their linguistic-cultural singularity, converging with the Philosophy of Difference by affirming difference as a productive and plural element and by rejecting universal and fixed categories. The research took place in the context of an event that discussed Deaf education in the region based on the school experiences of Deaf adults. The identification of protagonists occurred through the local Deaf community association, research groups at the Federal University of Western Pará, and members of the external community, guided by criteria of institutional/public recognition and trajectories of subjectivation. Seventeen Deaf protagonists were



Esta licença permite que outros distribuam, remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho, mesmo para fins comerciais, desde que lhe atribuam o devido crédito pela criação original.

identified; the five most frequently indicated, residents of Santarém, Pará (Brazil), were invited to the event and to the study. All presentations were recorded for subsequent translation and discourse analysis from a Foucauldian perspective. Participants reported experiences of exclusion, highlighting ableism and the imposition of oralism as a normative criterion of belonging in family, social, and educational spaces. The institutionalization of exclusionary discourses reinforces the normalization of conduct and promotes historical and structural inequalities. The study also evidences processes of re-signification of Deaf identity, with protagonists assuming active roles in reconstructing their educational and professional trajectories.

Keywords: deaf protagonism; education; Amazon.

Resumen: Este estudio tiene como objetivo comprender cómo las experiencias escolares vividas por Personas Sordas influyeron en la construcción de su protagonismo político, cultural y lingüístico. Se reconoce el protagonismo Sordo como una posición política, cultural y lingüística de la diferencia que atraviesa todas las experiencias de vida. El trabajo se alinea con los Estudios Sordos al situar a los sujetos en su singularidad lingüístico-cultural, y converge con la Filosofía de la Diferencia al afirmar la diferencia como elemento productivo y plural y al rechazar categorías universales y fijas. La investigación se realizó en el contexto de un evento que debatió la educación de Personas Sordas en la región a partir de experiencias escolares de adultos Sordos. La identificación de protagonistas se llevó a cabo por medio de la asociación local de la comunidad sorda, grupos de investigación de la Universidad Federal del Oeste de Pará y miembros de la comunidad externa, guiada por criterios de reconocimiento institucional/público y por trayectorias de subjetivación. Se identificaron 17 protagonistas Sordos; los cinco más señalados, residentes en Santarém-PA, fueron invitados al evento y a la investigación. Todas las presentaciones fueron grabadas para su posterior traducción y análisis del discurso desde una perspectiva foucaultiana. Las personas participantes relataron vivencias de exclusión, destacando el capacitismo y la imposición del oralismo como criterio normativo de pertenencia en los espacios familiar, social y educativo. La institucionalización de discursos excluyentes refuerza la normalización de las conductas y promueve desigualdades históricas y estructurales. El estudio evidencia también procesos de resignificación de la identidad Sorda, con protagonistas asumiendo papeles activos en la reconstrucción de sus trayectorias educativas y profesionales.

Palabras clave: protagonismo sordo; educación; Amazonía.

1 Introdução

A Amazônia paraense apresenta um histórico marcado pela ausência de direitos fundamentais para diversas populações, resultando em marcas profundas de exclusão social, violência e discriminação (Lemos *et al.*, 2016). Para os autores, as dificuldades de acesso a serviços essenciais, decorrentes também da vasta extensão territorial e da precariedade de infra estruturas, foram constituindo um cenário de desigualdades, sociais e educacionais. Dentro desse panorama, a educação na Amazônia reflete as especificidades culturais e geográficas da região, ao mesmo tempo que evidencia os desafios históricos enfrentados pelo sistema educacional brasileiro (Colares, 2022).

No campo da Educação de Surdos, tais desafios são ainda mais complexos considerando o histórico de exclusão educacional e social sofrido por esses sujeitos ao longo da história (Lobo, 2008). Para além destes desafios históricos, há a referir condicionantes de ordem geográfica, que se traduzem em desigualdades sociais e econômicas (Colares, 2022) e na insuficiência de profissionais com formação

adequada e de recursos apropriados em muitas das localidades da Amazônia paraense (Pinheiro; Freire, 2022; Pinheiro; Duarte, 2017).

Inserida na região amazônica do estado do Pará, a cidade de Santarém enfrenta também significativos desafios nos âmbitos social, ambiental, econômico e educacional. No entanto, para Figueiredo (2020), o município consolidou-se como um importante polo educacional, impulsionado também pela fundação, em 2009, da Universidade Federal do Oeste do Pará (Ufopa), o que tem contribuído de forma significativa para o desenvolvimento da região. Nesse contexto, o Grupo de Pesquisa em Educação Especial e Processos Inclusivos (Gpeepi/Ufopa) vem aprofundando o conhecimento na área da educação de Surdos, considerando as singularidades locais e estreitando vínculos com a comunidade Surda de Santarém.

Pesquisadores do grupo vêm apontando alguns cenários. Pinheiro (2016, p. 185), ao entender “a comunidade surda como um campo de produção de significados, e, portanto, de próprios modos de ser surdos”, apontava dois contextos de produção cultural entre os sujeitos Surdos residentes em Santarém. Em um desses contextos, os sujeitos Surdos apresentavam uma identificação cultural constituída pela diferença linguística; no outro, haviam sujeitos constituídos pela deficiência auditiva, sendo a sua experiência marcada especificamente pela oralização. De igual modo, no seu estudo com pessoas surdas nessa mesma região, Lira (2022, p. 129) identificou um potente marcador cultural da diferença surda e constatou “que, por meio da luta constante dessa comunidade, muitos têm ocupado lugares de destaque nas instituições de ensino superior”.

Ao compreender as pessoas Surdas no contexto de uma identificação cultural da diferença, o presente estudo se ancora, simultaneamente, na abordagem dos Estudos Surdos, defendida por Skliar (1998) e na Filosofia da Diferença, proposta por Deleuze (2006). Neste enquadramento, protagonismo é compreendido neste estudo como agência de sujeitos e coletivos, que produzem enunciados, disputam sentidos nos espaços institucionais e públicos e se afirmam como sujeito das políticas e práticas. Trata-se de compreender o protagonismo como efeito e prática situada nas

relações de poder, nas tramas discursivas e nos modos de subjetivação que atravessam a escola e seus dispositivos¹ (Foucault, 1996).

Em particular, a ideia de protagonismo Surdos, adotada neste estudo, se sustenta na perspectiva da diferença política, cultural e linguística a partir das múltiplas experiências de vida (Lara, 2021). Nessa lógica conceitual, a experiência é um atravessamento cultural profundo que transcende a vivência ou o acúmulo de situações históricas, mas que transforma e constitui cada sujeito (Larrosa, 2002). Neste estudo, focalizam-se as experiências de vida escolar de pessoas surdas em Santarém-PA, tomando o protagonismo Surdo como prática situada e efeito de relações de saber/poder, resistência e cuidado de si. Tal compreensão possibilita resistências, ressignificações, modos de subjetivação e a transformação de espaços sociais.

De modo geral, o estudo objetivou compreender de que maneira as experiências escolares vivenciadas por Surdos, residentes na cidade de Santarém – Pará, exerceram efeitos sobre o processo de construção de seu protagonismo nesse contexto. Buscou-se, especificamente, compreender as oportunidades escolares ofertadas à população surda em diferentes tempos e espaços, identificando, a partir das experiências relatadas, os processos de constituição identitária de estudantes surdos. Além disso, procurou-se analisar como os discursos culturais, políticos e linguísticos influenciam essa construção identitária e investigar os efeitos desses processos no protagonismo atualmente ocupado pela comunidade surda.

Para isso, o estudo, de natureza qualitativa e com inspiração pós-estruturalista, contou com a participação de Surdos identificados como protagonistas regionais, por órgão e associações locais no ano de 2024. Esses órgãos foram instruídos sobre o conceito de protagonismo adotado, compreendido não como um “lugar” fixo a ser ocupado, mas como prática situada e efeito de relações de saber/poder, processos de subjetivação e práticas de resistência. A partir desse alinhamento, a identificação ocorreu em duas frentes complementares: (i) casos em que se considerou o status atualmente reconhecido em espaços institucionais e

¹ Dispositivo, em Foucault (1996), é um arranjo heterogêneo de discursos, normas, saberes, práticas, técnicas e arquiteturas que se articulam para responder a uma urgência histórica, produzindo modos de ver, dizer e ser. Na educação, a escola funciona como dispositivo ao combinar currículo, avaliação, gestão, políticas de inclusão, normas linguísticas e práticas docentes, o que estabelece regimes de verdade sobre quem é o aluno Surdo e como deve aprender.

públicos (visibilidade, atuação em conselhos, coordenações, docência, projetos); e (ii) casos em que se privilegiaram os processos vividos, isto é, trajetórias de subjetivação, modos de agir sobre si e sobre o mundo, ressignificações da própria condição e incidências na transformação do espaço social.

Esse estudo apresenta a LIBRAS, o contato entre pessoas Surdas e a valorização cultural da diferença como exercícios de resistência aos sentidos hegemônicos sobre os Surdos nos espaços escolares, marcados por práticas de normalização como o oralismo. Além disso, permite valorizar as singularidades da comunidade surda na Amazônia paraense, possibilitando a construção de outras formas de existência e pertencimento.

2 O protagonismo Surdo como conceito operacional no estudo

Este estudo filia-se aos Estudos Surdos, os quais buscam legitimar significados que afirmam a identidade Surda e seus modos próprios de expressão, especialmente aqueles constituídos na língua de sinais, reconhecendo que a diferença surda não está reduzida à condição da surdez, mas deve ser compreendida em sua dimensão cultural, linguística e política. Lopes explica em entrevista mediada por Menezes e Graff que:

Ele não é diferente porque é surdo, mas, por ser surdo, é que ele vive a experiência de maneiras distintas. (...) Mais do que a surdez em si, a diferença é o resultado vivo e vibrante das conjugações das experiências. Assim, deve ter algo de surdo na subjetividade daquele que vive a experiência radical da surdez, e isso tudo deve compor a experiência surda. (Lopes; Menezes; Graff, 2023, p. 228).

Neste enquadramento, o conceito central que orienta este estudo é o de protagonismo Surdo. A intenção foi não apenas compreender seu significado nos Estudos Surdos, mas também reinventar esse conceito dentro da realidade local. Para isso, foram consultadas referências nacionais, observando com atenção os sentidos teóricos que vêm sendo produzidos sobre o uso dessa terminologia em diferentes contextos de pesquisa e prática educacional.

Inicialmente, foi realizada uma busca pelo termo no portal de periódicos da CAPES, tendo sido encontrados 28 artigos científicos de acesso aberto, publicados entre os anos de 2016 e 2025, em periódicos nacionais da área de Ciências Humanas. Embora todos os artigos encontrados utilizem o termo “protagonismo Surdo”, poucos

exploram esse conceito de maneira aprofundada. Após leitura e identificação dos conceitos com base na perspectiva dos pesquisadores, foram selecionados cinco estudos que aprofundam e sustentam o uso do termo “protagonismo Surdo”. Posteriormente, foram elencados trabalhos constituídos na perspectiva dos Estudos Surdos. As publicações selecionadas são apresentadas no quadro 1.

Quadro 1 – Artigos que abordam conceitos de protagonismo Surdo na perspectiva dos Estudos Surdos

Nº	Título	Autor(es)	Disponibilidade/Ano
1	Currículo, Protagonismo Surdo e Emancipação	Mara Lopes Figueira de Ruzza	Revista e-Curriculum, 2022
2	Contribuições da Língua de Sinais para o desenvolvimento profissional dos docentes surdos	Marta Rejane Proença Filietaz	Revista Transmutare, 2016
3	Em Outras Palavras	Celeste Azulay Kelman, Paulo José Assumpção dos Santos	Revista Espaço do Currículo, 2020
4	Cultura surda em museus: o lugar de fala na mediação de surdos	Sabrina Denise Ribeiro, Priscila Arantes	DAT Journal, 2022
5	Inclusão de surdos no Ensino Superior: as práticas pedagógicas sob o olhar de estudantes surdos	Polliana Barboza, Ana Dorziat	Comunicações, 2019

Fonte: Os Autores.

A busca pelo conceito foi ampliada para o banco de teses e dissertações da CAPES. O refinamento da pesquisa considerou produções acadêmicas publicadas entre os anos de 2017 e 2025, nas quais o termo "Protagonismo Surdo" fosse citado nos textos. Além disso, a seleção foi restrita à grande área das Ciências Humanas, com concentração na área da Educação. Foram encontrados 13 trabalhos, sendo sete teses de doutorado e seis dissertações de mestrado. Dentre esses estudos, quatro se destacam por abordar o conceito de protagonismo Surdo com maior relevância para esta pesquisa, tendo em conta que se aproximam da perspectiva da diferença cultural, conforme apresentado no quadro 2.

Quadro 2 – Dissertações e Tese que abordam conceito de protagonismo Surdo na perspectiva dos Estudos Surdos

Nº	Autor(a)	Título	Instituição	Biblioteca
1	Lara, Ana Paula Gomes/ Mestrado/2021	Experiências de protagonismo surdo	Universidade do Vale do Rio dos Sinos	Biblioteca Unisinos

2	Azevedo, Fernanda Emanuele Souza de / Mestrado/2021	O protagonismo dos surdos nas políticas de inclusão na educação superior: uma análise das narrativas de acadêmicos surdos no contexto da UNIR Campus de Vilhena	Universidade Federal de Mato Grosso	Biblioteca Setorial do Instituto de Educação e Biblioteca Central - UFMT
3	Silva, Micheli Porn da / Mestrado/2021	A constituição da identidade de estudantes surdos: o protagonismo dos surdos na escola bilíngue	Universidade de Caxias do Sul	BICE UCS
4	Santos, Paulo José Assumpção dos / Doutorado/2021	Onde estão os surdos na História? Uma experiência curricular no Ensino de História em escola inclusiva	Universidade Federal do Rio de Janeiro	Biblioteca do CFCH

Fonte: Os Autores.

Ruzza (2022, p. 307) identifica, em seu texto, o próprio protagonismo, enquanto pessoa surda, dedicando um subcapítulo à discussão do "protagonismo Surdo como Centralidade da Existência", em que enuncia sua perspectiva sobre este conceito:

O artigo torna-se um espaço de incentivo ao Protagonismo Surdo e ao rompimento de paradigmas impostos pela sociedade, contendo escolhas epistemológicas como o uso do termo 'não-surdo' (pessoas ouvintes) e 'Surdo' com S maiúsculo (pessoas Surdas) (Ruzza, 2022, p. 304).

Em consonância, Lara (2021), também pessoa surda, aborda em seu trabalho o conceito de protagonismo Surdo a partir da compreensão dos Estudos Surdos e da Filosofia da Diferença. Na mesma perspectiva, Azevedo (2021, p. 34) argumenta:

Assumir o jeito surdo de ser é exercer protagonismo como pessoa e como parte do movimento do povo surdo. É um exercício de poder no contexto das mobilizações em defesa do reconhecimento da língua de sinais como língua natural do surdo e do direito à saúde, ao trabalho, ao lazer, à cultura, à educação, enfim, ao bem-estar social que permite viver a vida em sua plenitude.

Ambas as produções concordam que o protagonismo Surdo representa um movimento de reconhecimento social e político do sujeito Surdo. Nesse contexto, de acordo com Skliar (1998), a subjetividade é constituída a partir da experiência cultural e linguística do Surdo, reforçando sua identidade e legitimando a existência da diferença. O reconhecimento e a imposição de significados em determinados contextos consolidam essa identidade e reforçam a centralidade da cultura Surda. Segundo Strobel (2008, p. 27), cultura surda refere-se ao “[...] jeito de o sujeito Surdo

entender o mundo e de modificá-lo a fim de torná-lo acessível e habitável, ajustando-os com as suas percepções visuais, [...] isso significa que abrange a língua, as ideias, as crenças, os costumes e os hábitos de povo surdo”.

Todos os trabalhos analisados convergem para essa compreensão de protagonismo, embora apresentem diferentes *lócus* de manifestação, como o currículo, as artes e as dinâmicas pedagógicas nos diversos níveis de escolarização (Barboza; Dorziat, 2019; Filietaz, 2016; Kelman; Santos, 2020; Ribeiro; Arantes, 2022; Santos, 2023; Silva, 2022). Nesse sentido, Ruzza (2022, p. 304) pontua que:

Além de um posicionamento político-acadêmico, este artigo tem como objetivo discutir conceitos que perpassam o protagonismo surdo, considerando o contexto educacional como ponto de partida para construções ontológicas, culturais e epistemológicas dos surdos e o currículo como lugar-tempo de reconhecimento linguístico, empoderamento e emancipação da Comunidade Surda.

Essas produções recentes forneceram bases teóricas fundamentais para a construção do conceito de protagonismo Surdo, que sustenta este estudo. Por meio delas, foi possível compreender como esse conceito tem sido legitimado em diferentes contextos educacionais e sociais. Além disso, essas contribuições ajudaram a fortalecer a perspectiva de que os sujeitos Surdos devem ser reconhecidos como agentes ativos na constituição sobre suas próprias histórias e identidades.

Um trabalho relevante, desenvolvido por Gianotto (2020)², associa o conceito de protagonismo Surdo à identificação cultural da diferença. A pesquisa levanta questões que atravessam a experiência surda e promovem reflexões sobre identidade, visibilidade e agência social. Entre as inquietações levantadas pelos autores, destacam-se:

O que é ser protagonista? Qual a importância do protagonismo das pessoas surdas? Quais são os surdos(as) protagonistas que você conhece? Por que eles(as) são protagonistas? Você se considera visível ou invisível na sociedade? Por quê? O que você faz para ser protagonista em sua cidade? Quem você é? (Gianotto, 2020, p. 19).

Essas questões também orientam o presente estudo. Embora o conceito de protagonismo já tenha sido formulado e legitimado no campo científico, observa-se a ausência de referências ao tema em contextos específicos, como a Amazônia,

² Trabalho não listado entre as teses de doutorado levantadas por estar inserido na área da sociologia e fenomenologia.

particularmente a Amazônia paraense. O conceito de protagonismo Surdo foi inicialmente desenvolvido em estudos realizados na região Sul do Brasil, como indicado por Lara (2021). Entretanto, nota-se, por exemplo, um movimento cultural e político que também vem consolidando esse papel de "Surdo protagonista" em Santarém, conforme apontado por Pinheiro (2016).

Dessa forma, este levantamento teórico e conceitual permite a proposição do conceito de "Protagonismo Surdo em um contexto amazônico", configurando-se como um estudo pioneiro no tema. A ausência de pesquisas prévias que abordam essa perspectiva evidencia a necessidade de avançar nessa discussão, ampliando o olhar sobre a experiência surda em territórios historicamente marginalizados (Pinheiro, 2016).

Se há tecnologias de poder e situações de violência, há também estratégias de resistência de diferentes grupos sociais e no corpo a corpo permanente de busca pela criação de outras fotografias da Amazônia e de outras relações de força que operem práticas de lutas (Lemos *et al.*, 2016, p. 323).

Especificamente, a produção desse conceito no contexto regional opera como um mecanismo de enfrentamento aos discursos opressores e normalizadores que ainda circulam de forma persistente nos espaços educacionais e sociais da região (Lira, 2022). Compreende-se, assim, que nesse espaço também se manifesta a "urgência de romper com lógicas e paradigmas que desconsideram as especificidades do sujeito surdo" (Ruzza, 2022, p. 308), garantindo-lhe a possibilidade de protagonizar sua própria história de vida.

3 Olhares, percursos e problematizações

A pesquisa foi realizada a partir de uma abordagem qualitativa, que, conforme Denzin e Lincoln (2006), é especialmente adequada para explorar a complexidade de fenômenos sociais e culturais. Para os autores, a pesquisa qualitativa em educação se destaca por sua abordagem interpretativa e detalhada dos fenômenos educacionais, permitindo uma análise profunda das interações sociais e experiências individuais dos participantes. A utilização dessa abordagem permitiu a compreensão das experiências subjetivas dos Surdos, levando em consideração os contextos históricos e educativos amazônicos que influenciam a constituição do protagonismo e uma análise cuidadosa das suas trajetórias educacionais.

Neste estudo, a pesquisa é compreendida, na perspectiva de Corazza (2002), como um processo dinâmico e criativo, que resiste a estruturas rígidas e explora as possibilidades de produzir conhecimento em contextos marcados pela incerteza e pela complexidade. Para a autora, a pesquisa é um "labirinto" que possibilita escolhas e métodos não lineares, mas guiados por uma perspectiva aberta e, por vezes, imprevisível. Esta pesquisa, de inspiração pós-estruturalista, caracteriza-se por problematizar verdades fixas, identidades estáveis e categorias universais, valorizando a multiplicidade, a diferença e os efeitos do discurso na construção dos sujeitos. Para Ferreira Neto (2015), trata-se em assumir a pesquisa como uma produção processual de si mesmo que duvida, problematiza, analisa e produz discursos sobre significados a serem legitimados no estudo.

A proposta desse estudo surgiu a partir da organização de um evento gerenciado pelo Gppee (Ufopa), cujo objetivo foi reunir um grupo de pessoas Surdas, ouvintes, alunos dos cursos de licenciatura e professores da Ufopa para discutir a educação de Surdos na região. Essa discussão partiu dos próprios sujeitos Surdos, convidados a compor a mesa de palestrantes do evento, cujos relatos de experiências escolares proporcionaram condições para pensar sobre os retrocessos e avanços nos processos educacionais de Surdo. O evento foi realizado no dia 26 de setembro de 2024, em alusão ao dia nacional de Surdos, no miniauditório do Instituto de Ciências da Educação da Ufopa entre as 14h e as 18h com título: "Experiências de vida escolar de Surdos Protagonistas na região Oeste do Pará".

Para identificar os protagonistas Surdos participantes, foram realizadas consultas com órgãos e associações que atuam diretamente com a comunidade surda de Santarém-Pará. As instituições eleitas pelo estudo, a priori, partiram dos contatos estabelecidos dentro do Gppee (Cnpq/Ufopa), grupo do qual os pesquisadores participam. Assim, foram estabelecidas as seguintes instituições de consulta para levantamento de Surdos Protagonistas em Santarém – PA: Membros ativos, Surdos ou ouvintes, da Associação dos Surdos de Santarém (ASSUSANT) (16% das respostas); membros da Associação dos Tradutores e Intérpretes de Língua de Sinais do Oeste do Pará (ASTILS) (36% das respostas); pesquisadores dos grupos de pesquisa da UFOPA, como o Grupo de Pesquisa em Educação de Surdos (GEPES) e o GPEEPI (12%); e, por fim, membros da comunidade externa que justificaram vínculo de amizade, parentesco, relação profissional ou educacional (36%). Todos

foram informados sobre a proposta deste estudo, incluindo a abordagem teórica adotada para explorar o conceito de protagonismo.

A partir dos questionamentos levantados por Gianotto (2020), foram sugeridos dois grandes critérios: (i) Reconhecimento institucional e público: contemplar casos cujo status já é reconhecido em espaços formais e de esfera pública, considerando indicadores como visibilidade, participação em conselhos, funções de coordenação, exercício da docência e liderança de projetos. (ii) Processos e trajetórias de subjetivação: priorizar casos em que se evidenciem percursos vividos e modos de agir sobre si e sobre o mundo, incluindo ressignificações da própria condição e incidências concretas na transformação do espaço social. As instituições consultadas expressaram concordância e disponibilidade para colaborar com a realização da pesquisa.

Como resultado, foram identificados 17 Surdos protagonistas residentes na região amazônica oeste do Pará. Por ordem de frequência na nomeação, os cinco primeiros foram convidados a participar do evento e da pesquisa, todos residentes da cidade de Santarém – PA. Tal recorte foi necessário frente ao tempo de evento, que teve duração de 4 horas. O quadro 3 apresenta dados relativos aos participantes.

Quadro 3 - Perfil dos participantes

Ordem	Gênero	Idade	Grau acadêmico	Atuação profissional
Protagonista 1	Masculino	39	Especialista	Professor de LIBRAS na educação básica
Protagonista 2	Masculino	41	Especialista	Professor de LIBRAS na educação básica
Protagonista 3	Feminino	40	Especialista	Professora de LIBRAS na educação básica
Protagonista 4	Feminino	37	Mestre	Autônoma – Serviços independentes no ensino de LIBRAS.
Protagonista 5	Feminino	36	Especialista	Professora de LIBRAS na educação básica

Fonte: Os Autores.

As apresentações do evento, realizadas pelos convidados Surdos, foram mediadas por orientações dos pesquisadores para garantir coesão, linearidade e consistência entre as falas, alinhadas ao objetivo do estudo de compreender como as experiências educacionais em Santarém–PA incidem na construção do protagonismo. No final de cada exposição, foram colocados questionamentos complementares, aprofundando a análise sobre oportunidades escolares, processos identitários e

efeitos culturais, políticos e linguísticos no espaço social ocupado pelos participantes. O evento contou com profissionais bilíngues e a mediação e condução dos pesquisadores também fluentes em LIBRAS.

Todas as apresentações foram filmadas para posterior tradução realizada por um profissional intérprete/tradutor de LIBRAS, obtendo o consentimento livre informado dos sujeitos participantes. Adicionalmente, os participantes receberam a tradução em língua Portuguesa para conferir e fazer, eventuais, correções, esse processo foi também mediado e acompanhado pelos pesquisadores fluentes de LIBRAS.

O estudo adota o conceito de “caixa de ferramentas”, conforme proposto por Foucault (2002), que compreende os conceitos como ferramentas mobilizados ao longo da investigação, de modo flexível e estratégico, para interpretar e intervir sobre os objetos de análise, conforme a conveniência e as necessidades do pesquisador.

Procuro corrigir meus instrumentos através dos objetos que penso descobrir, e, neste momento, o instrumento corrigido faz aparecer que o objeto definido por mim não era exatamente aquele. É assim que eu hesito ou titubeio (Foucault, 2002, p. 229).

Na lógica da caixa de ferramentas (Foucault, 2002), este estudo opera com conceitos já anunciados, como protagonismo Surdo, na esteira da diferença política, linguística e cultural desses sujeitos. Sobretudo, compreende-se que se trata de uma inversão discursiva que este estudo busca validar, ao mesmo tempo em que se abrem possibilidades de análise para discursos que escapam ou tensionam essa compreensão. A materialidade do estudo, resultado das experiências relatadas, foi analisada com base na compreensão do discurso em Foucault (1996), nomeadamente ao compreender que o sujeito é constituído nas relações de poder e saber as quais se manifestam em instituições e práticas sociais. Em vez de buscar respostas definitivas, este estudo se volta para os modos como os significados são produzidos, regulados e contestados nos contextos sociais, históricos e culturais.

A materialidade do estudo permitiu identificar quatro principais dimensões as quais orientaram as análises: desenvolvimento linguístico; aproximações culturais surdas; oportunidades e desafios na escola e alcance protagonista dos sujeitos do estudo.

4 Apresentação e discussão dos resultados

Neste tópico, busca-se atravessar discussões acerca das práticas escolares que, ao longo do percurso educativo, contribuíram para constituir as identidades surdas dos sujeitos da pesquisa. Nota-se, contudo, que este estudo considera as singularidades dos espaços de produção dessas identidades, especialmente relacionadas ao contexto amazônico em que se inserem.

Posto isso, é possível identificar que as experiências escolares na educação básica, relatadas pelos sujeitos surdos, ocorreram predominantemente entre as décadas de 1980 e 1990, uma vez que possuem idades aproximadas. Nesse período, a educação básica na Amazônia paraense era marcada por um processo de escolarização excludente, centralizado e pouco sensível às especificidades regionais (Colares, 2022). O modelo educacional vigente ainda se encontrava preso a uma lógica uniformizadora, voltada para interesses nacionais e urbanos, que se traduzia na negação dos saberes locais, das línguas indígenas e das dinâmicas socioculturais próprias da região. Para além disso, o contexto era também caracterizado pela precariedade das infraestruturas, ausência de políticas públicas efetivas e lacunas a nível de formação docente (Colares, 2022).

A abordagem da educação de surdos nas décadas de 1980 e 1990 era ~~esteve~~ fortemente marcada pela predominância do modelo clínico-terapêutico e pela valorização da oralização como principal via de acesso ao conhecimento. Nesse período, a LIBRAS ainda não era reconhecida oficialmente como meio legítimo de instrução, o que relegava os sujeitos surdos a um processo educacional excludente e pouco eficaz. As práticas pedagógicas priorizavam a correção do “*deficit*” auditivo em vez de considerar as especificidades linguísticas e culturais dos sujeitos Surdos (Santos, 2023).

Nessa lógica temporal, todos os participantes desse estudo narraram processos de exclusão, denominados por Skliar (1998) como ouvintismo. Para Skliar (1998), o ouvintismo consiste em práticas excludentes e capacitistas impostas pelo mundo ouvinte sobre os Surdos, com destaque, neste estudo, para a oralização, que marca, de forma opressora, perversa e normalizadora, todas as experiências registradas. Os Surdos se referem a ações de capacitismo, marcadas pela falta da competência da audição, que historicamente se registra como critério normativo de

pertencimento, tanto no convívio familiar quanto nos espaços comunitários e educacionais (Quadro 4).

Quadro 4 – Experiências ouvintistas

Identificação	Experiências familiares	Experiências de vida social	Experiências de vida escolar
Protagonista Surdo 1	<p>“meus avós (...) me perguntavam (...) eles ficavam repetindo, sempre de forma oral”</p> <p>“A minha mãe me ensinava a ler, em casa através de livros, usando a oralidade, meu pai com frequência mandava eu ler, mas eu não entendia nada. Depois, minha mãe utilizou uma espécie de ‘vaso’ para ampliar o som e me ensinava as palavras”.</p>	<p>“(…) era muito difícil a compreensão, por isso, eu falava apenas o básico, como ‘oi’, ‘tudo bem’, tanto na escola como com os amigos na rua.”</p>	<p>“eu apenas pintava, desenhava e copiava palavras, mas também não aprendi nada.”</p> <p>“Nessa escola, o professor apenas copiava, e realizava durante toda a aula, de costas para a turma, e eu mesmo sentado na frente, não conseguia entender nada”.</p> <p>“Ela (a professora) falava que era feio falar com as mãos, brigava com os alunos, (...) a proibição das mãos para a comunicação.”</p>
Protagonista Surdo 2	<p>“A minha família não utilizava LIBRAS, era apenas oralização, e eles me obrigavam a falar (...) e eu achava isso de ficar tentando oralizar uma coisa muito chata, era cansativo, isso me estressava, e minha família achava que eu precisava me acostumar. Então essa parte da minha vida foi bem difícil.”</p>	-	<p>“Na escola, a professora ensinava (...) de forma oralizada, eu ficava ali, calado observando”.</p> <p>“eu não estudava as disciplinas igual aos ouvintes, eram entregues para mim, atividades, eu percebia que era diferente (...) e eu ali com uma folhinha com desenhos para eu pintar, nessa época não havia intérprete para me auxiliar. A professora me olhava, sentia pena de mim.”</p>
Protagonista Surdo 3	<p>“relembrar todo um sofrimento que passamos em nossa infância, adolescência e juventude, mas que agora como adultos não acontecem mais.”</p> <p>“A minha família que cuidou com muito carinho e se dedicaram ao aprendizado.”</p>	<p>“Eu me sentia muito envergonhada porque eles ficavam me olhando, eles se espantavam quando ficavam sabendo que eu era surda, me olhavam com pena.”</p> <p>“Eu ainda não havia aprendido LIBRAS, nem visto nada sobre meu contato com todo mundo era através dos gestos, só que essa</p>	<p>“A professora regente desta sala não sabia LIBRAS, ela oraliza, e praticava com a gente a oralização, ela usava de materiais que tinham desenhos com as palavras embaixo e forçava a gente a repetir de forma oralizada as palavras. Então ela articula bem a boca de forma vagarosa de frente pra gente, achando que nós estávamos ouvindo.”</p> <p>“(…) Nessa escola não havia nenhum tipo de</p>

		comunicação me deixava muito envergonhada, porque meus sentimentos não eram entendidos.”	adaptação nas metodologias, não havia material didático (...) em todo esse período nunca eu tive a presença do intérprete de LIBRAS (...). “Não havia aprendido nada, eu olhava para as páginas dos livros e eu não entendia nada. Isso para mim era muito difícil, me deixava muito angustiada, pois eu já estava na terceira escola e o aprendizado não acontecia.”
Protagonista Surdo 4	<p>“Mas quando eu chegava em casa eu voltava a usar (o aparelho auditivo), pois se eu estivesse sem ele minha mãe me brigava bastante.”</p> <p>“E nesse dia cheguei em casa e falei pra minha mãe que eu teria um intérprete em minhas aulas, percebi que ela não havia gostado (...) em casa a minha mãe impôs a mim a não usar LIBRAS, ela queria que eu oralizasse. (...) e me doía por dentro.”</p>	<p>“Eu usava aparelho auditivo e isso me causava vergonha e então eu guardava ele na bolsa”</p>	<p>“Esta escola que estudei, ela não era bilíngue e nem possuía intérprete, não tinha nada disso. Era muito ruim, tudo muito difícil pra mim.”</p> <p>“copiava o que os colegas estavam fazendo ou me davam desenhos para pintar (...) eu nunca aprendi nada na escola, nada, eu odeio.”</p>
Protagonista Surdo 5	<p>“Fazia acompanhamento com fonoaudiólogo e minha mãe me levava todo dia para estas terapias.”</p>	<p>“Eu via as pessoas se comunicando efetivamente e não entendi porque comigo não acontecia o mesmo. E também eu percebia um certo afastamento das pessoas para se comunicar comigo, um certo preconceito, e eu achava que era porque eu não entendia nada.”</p>	<p>“E nessa classe era cobrado a oralização, nos era ensinado as letras de forma oralizada e nós tínhamos que repetir falando e assim conseguir falar (...) me deixava extremamente triste, porque percebia que o aprendizado não chegava até a mim.”</p>

Fonte: Os Autores.

É possível observar, nos discursos analisados, a ausência de adequações ou adaptações pedagógicas na perspectiva da educação de surdos no ensino regular, realidade na qual todos os participantes estiveram inseridos ao longo de seu percurso escolar. Soma-se a isso a falta de profissionais qualificados, o que acabou tornando

o processo de aprendizagem significativamente limitado ou mesmo inviável para os estudantes Surdos³.

O ensino baseava-se na repetição oral, na penalização do uso das mãos para comunicação e na entrega de atividades mecânicas, como pintura de desenhos, distanciando-os do aprendizado efetivo. Para Souza (2022, p.18), essas vivências surdas são comumente “marcadas pelas ‘cicatrizes’ da falta de conhecimentos, por parte dos educadores, no que se refere à formação dessa minoria linguística”.

Embora este trabalho tenha como intenção lançar análises sobre as experiências escolares, não é possível dissociar as experiências, sobretudo quando se entende esse termo a partir da compreensão de Larrosa (2002). Para o autor "A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca" (Larrosa, 2002, p. 21), são os modos pelos quais cada acontecimento afeta, atravessa e constitui os sujeitos nos diferentes tempos/espacos. Portanto, não se trata de uma experiência, mas do conjunto de experiências que os constituiu e que deram condições de verdades nos contextos escolares daqueles tempos. Assim, para os protagonistas Surdos, essas experiências de vida familiar e social são também as experiências de vida escolar que os atravessaram e os constituíram no discurso da falta (Lopes; Menezes; Graff, 2023).

Ainda que não houvesse um marco temporal na recolha dessas experiências, é possível associá-las a significados constituídos historicamente sobre as pessoas com deficiência, incluindo pessoas com deficiência auditiva. Lobo (2008) faz uma problematização histórica da deficiência, sobretudo contextualizando como enunciados da anormalidade formaram discursos perversos e excludentes sobre esses sujeitos. A autora faz um exercício de análise genealógica problematizando enunciados legitimados em formações discursivas institucionalizada a fim de subjetivação social, tais como a benevolência, cuidado, incapacidade, loucura, degenerados e infames. A institucionalização dos discursos em ações políticas,

³ A educação dos participantes ocorreu na escola regular inclusiva, contexto que não impede, mas também não garante, a construção cultural e identitária surda. A escola inclusiva também deve assegurar um espaço educacional bilíngue que respeite a cultura e a identidade surda, conforme estabelece a Lei de Diretrizes e Bases Nacionais (LDBN) (Brasil, 2021). Contudo a literatura na área sugere que classes ou escolas bilíngues oferecem condições mais adequadas, reduzindo a necessidade de adaptações compensatórias (Quadros, 2017; Holl; Baek, 2023). Esses espaços favorecem aprendizagens mais consistentes e coerentes com a diferença surda.

organizações sociais e educacionais são poderosos mecanismos de legitimação (Foucault, 1996).

Ainda nessas dimensões de legitimação discursiva institucionalizada, especialmente na escola, manifestam-se representações ouvintistas (Skliar, 1998). Esse modo de produção da diferença se insere justamente na lógica da norma biológica do corpo no exercício de um poder opressor que, ao se impor como verdade, submete os sujeitos nessa lógica de domínio. Para Foucault (1999), são justamente nessas relações discursivas que se instauram processos de normalização e exclusão dos sujeitos.

O meio de introduzir afinal, nesse domínio da vida de que o poder se incumbiu um corte: o corte entre o que deve viver e o que deve morrer. No contínuo biológico da espécie humana, o aparecimento das raças, a distinção das raças, a hierarquia das raças, a qualificação de certas raças como boas e de outras, ao contrário, como inferiores, tudo isso vai ser uma maneira de fragmentar esse campo do biológico de que o poder se incumbiu; uma maneira de defasar, no interior da população, uns grupos em relação aos outros. [...] (Foucault, 1999, p. 304)

Ao relatarem processos de exclusão, os Surdos apresentam “um olhar para trás”, partindo da perspectiva de quem hoje é protagonista. Ou seja, já não estão mais subjetivados naquele lugar de exclusão que antes era aceito e praticado por eles mesmos. Esse outro lugar identitário é percebido por eles:

Foi quando retornei para Santarém, minha mãe viu que minha oralização teve avanço e ficou feliz, **hoje acho tudo isso um absurdo**⁴. (Protagonista Surdo 1)

Hoje eu percebo que nessa época não tinha nada em relação à LIBRAS, Aee, [Atendimento Educacional Especializado] ensino especializado nem nada, mas eu lembro que eu ficava muito só. **Mas até então isso me parecia normal**. (Protagonista Surdo 2)

Ela pedia pra gente repetir, verificava a posição da língua. **Totalmente errado**. (Protagonista Surda 3)

Pois pra mim, eu era ouvinte, igual a todos ao meu redor (...) então hoje tenho vivido experiências diferentes, **visto outras realidades que não tive antes**. (Protagonista Surda 4).

São nesses processos de resignificação que a diferença toma outro sentido, não mais como o impróprio ou desajustado ou infame a ser punido e regenerado (Lobo, 2008), mas na esteira da singularidade de experiências diversas, sociais, culturais e políticas. Não se trata mais de reabilitar uma deficiência ou respeitá-la

⁴ Destaque dos autores.

dentro de parâmetros da normalidade, mas compreender os sujeitos, todos eles, pelos seus diferentes modos de vida.

É singular a forma como cada um viveu as experiências, embora elas se atravessassem por significados institucionalizados em um mesmo tempo/espaço regional. Portanto, é fundamental pensarmos no *lócus* em que se insere esse estudo, uma região amazônica paraense. Observa-se essa contextualização quando os Surdos relacionam determinadas práticas discursivas recorrentes em suas trajetórias escolares à localização remota e às dificuldades regionais enfrentadas. Sobretudo pela constante mudança de escola em busca de uma melhor qualidade educativa. Tal situação apresenta-se com maior relevância na fala da protagonista Surda 3, que evidencia a busca por classes especiais para Surdos, como um importante espaço de aproximação linguística e cultural. Contudo, essa aproximação foi dificultada pelas condições logísticas e pelas formas de organização formativa da região. Também há uma referência nesses discursos à inexistente formação de professores ou a informações sobre educação de Surdos naqueles tempos/espaços.

Essa relação se estreita com as análises de Lemos *et al.* (2016), ao compreenderem que a violência na Amazônia paraense é apresentada como um mecanismo de dominação histórica e contemporânea. Mesmo que sob um *lócus* maior de análise sobre povos amazônicos, os autores permitem compreender as “políticas de biopoder, e de, junto com ele, um racismo de estado nas políticas públicas voltadas para a Amazônia” (Lemos *et al.*, 2016, p. 322).

A educação de Surdos na região também foi invisibilizada por práticas opressoras de exclusão (Guimarães; Pinheiro, 2024) que institucionalizadas em políticas de biopoder produziram as condutas da população.

Na dominação, há estigma e preconceito de gênero, raça, classe, religião secular com tendência cultural mais cristalizada e difícil de romper; na violência, praticamente não como resistir, pois, acorrentado e com uma arma apontada para a cabeça é difícil produzir liberdade; já, a disciplina e a biopolítica são mais modulares, deslizam entre a norma e a lei, focando o indivíduo e a população em termos de saber e poder. Assim, poder é uma relação, uma força com força, ação sobre ação que permite resistências e só pode existir pela construção da liberdade. Bem, é possível afirmar que essas várias modalidades de poder se concretizam, na Amazônia, na gestão dos indivíduos e no governo das condutas da população (Lemos *et al.*, 2016, p. 319)

É nessas redes de relações de poder que a resistência é possível como “uma prática contínua e viva na região paraense” (Lemos *et al.*, 2016, p. 323). É sobre o

exercício dessas resistências que esse trabalho se concentra. No caso do presente estudo, os Surdos participantes demonstram um processo de contra-condutas (Foucault, 1999), ao assumirem um papel protagonista, exercendo relações de poder/saber na construção de novos e outros significados sobre si mesmos. Tais processos de ressignificação, como sujeitos da diferença linguística e cultural, surgem com maior relevância justamente nos espaços escolares, sobretudo na transição entre esses espaços e nas fissuras de discursos excludentes que puderam ser capturados.

Estudei em Manaus [...] lá inicialmente eu ainda me comunicava apenas de forma oralizada. Mas eu vi que lá tinha comunicação com gestos. Estudei, estudei, fui aprendendo alguns sinais soltos, e também me deram meu sinal-nome. [...] deveríamos utilizar a oralização, porém não obedecemos [...] quando ela saía de perto da gente, a gente retornava a comunicação por meio das mãos. (Protagonista Surdo 1).

Nós surdos, entre a gente, a comunicação era com uso de gestos, ou seja, isso era fora da sala de aula, durante as nossas brincadeiras de correr” (Protagonista Surda 3).

Eu mudei de escola [...], nessa escola tinha uma ótima professora [...] ela era excelente, fluente em LIBRAS, e ali ela quem ensinava os surdos da escola [...] foi muito bom, eu aprendi muita coisa, me desenvolvi bastante, isso por causa da LIBRAS [...]. Mudei novamente de escola, fui [...] estudar o ensino médio [...] o estudo foi excelente, lá eu estudava normalmente as disciplinas e eu tinha acesso a elas através da Libras. (Protagonista Surdo 2).

Nessa época, nós tínhamos um professor itinerante, [...] mas foi a partir dele que conheci a LIBRAS, ele sabia o básico de LIBRAS, mas foi aí o meu primeiro contato com Libras [...] eu tinha por volta de 15 anos. (Protagonista Surda 3).

Na sala de aula, uma colega escreveu um recado em um papel, perguntando se eu queria aprender LIBRAS, e eu disse que sim [...], e foi nessa época que vi pela primeira vez a LIBRAS, fiquei encantada [...] e os colegas da sala viam que eu e ela conversávamos bem em LIBRAS, viam que havia entendimento entre a gente e todos os colegas de turma passaram a ter o interesse em aprender LIBRAS. (Protagonista Surda 5).

Esse processo de reconhecimento é efeito de outras e novas experiências vivenciadas pelos Surdos, posto que eles mesmos precisaram ser subjetivados nesses outros discursos da diferença, que embora ainda fragmentados em pequenas rupturas como a valorização gradual da LIBRAS, possibilitaram o exercício da resistência na produção de si mesmo. Para Larrosa (2002), a experiência só ocorre quando há abertura para o acontecimento, quando algo nos toca e se torna parte de quem somos.

Os relatos demonstram que os processos de resistência, bem como o surgimento de novas condutas institucionais, manifestam-se em diferentes espaços de transição vivenciados pelos sujeitos. Isso indica que tais transformações não

ocorrem necessariamente em um único local ou na mesma escola, mas estão constantemente associadas a contextos de mudança institucional, revelando a dinamicidade das práticas e a influência dos deslocamentos nos modos de agir e resistir.

Nesse processo, é perceptível um outro modo de constituição identitária, que, segundo os próprios sujeitos Surdos, lhes oportunizou o alcance do protagonismo atualmente ocupado. Embora as rupturas de significados durante a escolarização tenham sido marcadas pelo primeiro contato com LIBRAS e com outros Surdos, de modo bastante significativo, os sujeitos desse estudo associam o alcance protagonista a, pelo menos, dois contextos principais: o ingresso no ensino superior e a sua inserção profissional atual.

Quadro 5 – Espaços de alcance protagonista

Identificação	Ensino Superior	Atuação profissional
Protagonista Surdo 1	“Eu não conhecia a UFOPA, aqui parecia ser tudo novo pra mim, tudo era muito diferente da instituição anterior que estudei, [...] questioneei sobre a ausência do intérprete de LIBRAS. Então, fui reclamar (...) informar a elas que eu precisava de intérpretes de LIBRAS, e foi então que [...] os intérpretes começaram a trabalhar.”	“Então, foi em 2011 que comecei a ensinar LIBRAS. [...] participei da criação de um glossário dos sinais em Libras dos lugares de Santarém, lugares como escola, bairro, ruas.”
Protagonista Surdo 2	“[...] produção de um material didático (Ufopa) sendo um dvd que conta e ilustra as lendas amazônicas, tudo explicado em LIBRAS e sendo encenada por surdo”.	“comecei a trabalhar como instrutor de Libras, sendo o primeiro da cidade (...) isso já ocorre há 13 anos. [...] Atuo como professor nas formações de professores oferecidas gratuitamente pela Secretaria Municipal de Educação. [...] Atualmente sou instrutor de LIBRAS na instituição de nome superação consultoria lecionando para ouvintes e surdos também”.
Protagonista Surda 3	“Iniciei a graduação em pedagogia. A faculdade contratou um rapaz que indiquei, que já havia sido meu aluno de LIBRAS em curso básico. Durante a atuação, eu ensinava ele os sinais que ele não sabia, ele me ajudava com as atividades acadêmicas traduzindo e interpretando, eu explicava pra ele coisas da profissão de intérprete de Libras, e assim ele aprendeu bastante”. [...]	“Comecei a trabalhar pela secretaria municipal de educação, sendo lotada em várias escolas”.

	<p>“E por conta de toda essa convivência da turma com a LIBRAS, [...] eu me sentia incluída, eu tinha notas boas, interagia bem”. [...]</p> <p>“Atualmente estou cursando bacharelado em direito [...], quase concluindo. Aqui de Santarém sou a única surda que cursa direito.”</p>	
Protagonista Surda 4	<p>“Aqui na UFOPA, isso no ano de 2015, e aqui eu vi um mundo totalmente diferente [...] no primeiro dia já tive contato com o intérprete, e fiquei admirada com aquilo. [...] eles [os professores] me incentivaram a aprender cada vez mais, [...], e eu via toda aquela atenção voltada pra mim.”</p>	<p>“Hoje eu vou aos lugares, sou mais independente, eu ministro cursos, faço palestra aqui na UFOPA, vou conhecida pelas pessoas”</p>
Protagonista Surda 5	<p>“Estudei pedagogia [...] e nesse momento eu não ia aceitar que me cobrassem a oralização, eu não ia aceitar, eu não ia sofrer igualmente no passado.”</p>	<p>“E esse aluno surdo eu fui ajudando, ensinando LIBRAS e ajudando com as matérias da escola, e eu lembrava que esse apoio que eu estava dando a ele eu não tive e eu queria que ele não passasse por tudo que eu passei.”</p>

Fonte: Os autores.

A escolarização é destacada em todos os discursos como a principal via para o alcance do protagonismo, tanto na formação acadêmica quanto na trajetória profissional. Em relação ao tema Lira (2022) observa que o ingresso de Surdos no ensino superior tem sido considerado um potencializador de mudanças nas experiências educacionais, possibilitando destaques sociais. Esse processo é incentivado dentro da própria comunidade Surda, sendo reconhecido como um artefato político fundamental, marcado por lutas e resistências em defesa da educação bilíngue de Surdos.

A participação na comunidade Surda é também referenciada como importante *locus* de produção protagonista:

Atualmente faço parte da associação de Surdos de Santarém, e nela nos unimos para lutar e cobrar nossos direitos. [...] a gente se comunica muito pelo whatsapp, fazemos encontros para praticar esportes e lazer, temos momentos de bate papo, tudo isso com intuito de permanecermos juntos e fortalecer a amizade. (Protagonista Surdo 1)

Comecei a participar da comunidade Surda, ter contato com outros surdos e, nesses contatos, os outros surdos iam me ensinando sinais que eu ainda não sabia, e assim eu fui aprendendo cada vez mais. (Protagonista Surdo 2)

É notória a inserção cultural, política e apropriação linguística dos Surdos que, nos acontecimentos dentro desses espaços, foram sendo cada vez mais legitimados e significados. São nesses encontros de produção que a identidade Surda se constitui e a cultura é ainda mais valorizada. Essa análise tende a mostrar que, na realidade local, cada vez mais os Surdos, produzidos na identificação com uma cultura Surda, podem favorecer um importante ascendente educacional.

Para Lara (2021, p. 48), um protagonista Surdo “identifica a própria vivência e a experiência de ser surdo”. Desse modo, o Surdo, ao ser atravessado por experiências de uma língua própria e culturalmente diferente, assume um lugar de resistência e passa a também produzir os Surdos na perspectiva da diferença política, cultural e linguística. Neste estudo, todos os sujeitos reconhecem as mudanças discursivas sobre eles mesmos e defendem, em seus próprios modos de vida e atuação profissional, o respeito e a valorização da diferença do povo Surdo.

No passado, nós tivemos muito sofrimento, hoje já está melhor. Antigamente, os professores não entendiam nada sobre LIBRAS ou sobre os surdos, hoje os professores já, pelo menos, sabem que existe o AEE, sabem que o aluno possui uma língua própria. Hoje, já tem professor que busca fazer curso de LIBRAS, (...) hoje eles já demonstram ter essa preocupação com os alunos dentro de sala de aula, e os próprios alunos surdos, no cotidiano dentro da escola, na interação com o professor acabam ensinando LIBRAS para este professor. Então, toda essa melhoria tem resultado em um melhor aprendizado para o aluno surdo, **tem contribuído para que o surdo seja protagonista de sua própria vida**⁵. (Protagonista Surdo 1).

Então, **faltou a educação bilíngue** antigamente para a minha época, porque a inclusão, da forma que era, com surdos e ouvintes juntos se comunicando de forma oralizada, o aprendizado era muito lento. (Protagonista Surdo 2).

Luta de nossos direitos, uma dela é nosso direito de falar em LIBRAS, de ter inclusão e acessibilidade em nossa educação, de ter materiais acessíveis, **de ter o direito de sermos protagonistas de nossas histórias**. (Protagonista Surda 3).

Hoje percebo que LIBRAS faz parte de mim, e isso construiu quem eu sou hoje, agradeço a todos que me orientaram durante esse processo de descoberta da minha identidade [...] estamos sendo **protagonistas de nossas próprias histórias**. (Protagonista Surda 4).

Nessas manifestações, as mudanças na escolarização de Surdos configuram-se como formas centrais de resistência, fundamentais para a conquista do protagonismo desse grupo. Tais mudanças promovem a valorização da diferença e, ao mesmo tempo, impõem a necessidade de qualificação profissional nas escolas,

⁵ Destaque dos autores.

com vista a uma atuação mais sensível e comprometida com a inclusão e o respeito à diversidade linguística e cultural.

Nesse processo, a defesa por uma educação bilíngue de Surdos alinha-se aos discursos políticos contemporâneos, notadamente à Lei nº 14.191/2021 (Brasil, 2021), dispositivo que a oficializa como modalidade própria na LDBN. A garantia da implementação dessa modalidade nos sistemas de ensino oferece a educação de Surdos a partir da sua primeira língua, a LIBRAS, sendo o português escrito sua segunda língua, sistematizado tanto em escolas de Surdos, classes bilíngues, escolas polos ou classes comuns. Sobretudo, esse importante dispositivo político toma atenção às diferenças proporcionando “aos surdos a recuperação de suas memórias históricas, a reafirmação de suas identidades e especificidades e a valorização de sua língua e cultura” (Brasil, 2021, cap. V, art. 78-A, inc. I).

A educação de Surdos pensada nesta perspectiva implica que a vivência dos sujeitos Surdos na cultura, na língua e na identidade surda não é apenas um dado objetivo, mas algo que os transforma e os constitui. E é justamente na institucionalização desses novos e outros discursos sobre os Surdos que os alcances protagonistas vão cada vez mais surgindo na sociedade.

5 Conclusão

Ao explorar as vivências escolares dos participantes deste estudo, foi possível observar novas resistências sobre os significados produzidos sobre a surdez. E é nessas resistências que o protagonismo Surdo pode ser compreendido como uma outra experiência, na medida em que envolve processos de reconhecimento, afirmação e luta por espaços de existência e significado.

Esse estudo explorou como as condições educacionais produzem efeitos sobre o desenvolvimento linguístico, cultural e político de pessoas Surdas no contexto territorial investigado. Ao analisar as trajetórias educacionais de protagonistas Surdos, a pesquisa evidencia percursos exitosos capazes de mobilizar outros sujeitos, reiterando a relevância das lideranças locais na luta por direitos e tensionando os modelos normativos vivenciados no ensino regular. Em contrapartida, ao apontar caminhos que não favoreceram esse protagonismo, o estudo expõe os efeitos perversos sobre as experiências de vida desses indivíduos, permitindo problematizar práticas excludentes na educação de Surdos.

A aprendizagem da LIBRAS e o contato com outros Surdos emergem como elementos centrais na resiliência e no empoderamento desses sujeitos. O ingresso no ensino superior e a inserção profissional destacam-se como espaços de protagonismo, onde os participantes passaram a reivindicar direitos e atuar na educação de outros Surdos, contribuindo para a construção de novas perspectivas educacionais na região amazônica.

Essa compreensão é especialmente relevante para a construção de políticas e práticas educacionais inclusivas e respeitadas com a comunidade surda. É nessa perspectiva, de valorização da comunidade surda, que este estudo se pretende relevante, especialmente para a região na qual é desenvolvido.

Ao explorar as experiências escolares vivenciadas por pessoas Surdas, o estudo tem o potencial de oferecer bases para a formulação de políticas e estratégias educacionais regionais. Assim, espera-se que os resultados deste estudo subsidiem práticas que fortaleçam a educação bilíngue na região, apontando lacunas na formação docente e sugerindo mudanças curriculares voltadas à inclusão de alunos Surdos. Simultaneamente, o trabalho constitui uma ferramenta de análise sobre as possibilidades e necessidades emergentes para a reconfiguração da escolarização desses sujeitos, pautada na efetivação de espaços educacionais bilíngues.

Este trabalho possibilita abrir caminho para novos tensionamentos e frentes de análise, especialmente sobre seus efeitos no processo de subjetivação circulantes nos espaços escolares. Entre eles, destacam-se os prejuízos da aquisição tardia da LIBRAS, a participação e compreensão da família e da sociedade, a inserção ativa em comunidades Surdas e, sobretudo, a atenção às organizações políticas regionais voltadas para a modalidade de educação bilíngue de Surdos. Portanto, não se encerra aqui, mas cria possibilidades de resistência, fomentando uma nova invenção conceitual sobre o protagonismo dos Surdos no interior da Amazônia paraense, preservando a memória e a história da comunidade local e rompendo com preconceitos que os subjugam unicamente por sua condição auditiva. A valorização do protagonismo Surdo decorre de trajetórias educacionais que reconhecem a diferença e, no interior da Amazônia paraense, legitimam as singularidades locais.

Entretanto, reconhece-se que há limitações estruturais do sistema educacional brasileiro e regional, como financiamento insuficiente, gestão pública desigual e legislação específica de implementação irregular, que não integraram o

escopo focal deste estudo e podem dificultar a aplicação das mudanças sugeridas. Considera-se, ainda, o risco de idealização do protagonismo surdo, uma vez que não se exploraram de modo suficiente, aqui, conflitos, tensões e pressões internas da própria comunidade, incluindo exclusões internas, disputas políticas e diversidade de posicionamentos, aspectos que podem gerar outras interpretações de protagonismo. Sob essas diferentes dimensões, o estudo pretende continuar possibilitando refinamentos e aprofundamentos teóricos metodológicos.

REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, Fernanda Emanuele Souza de. O protagonismo dos surdos nas políticas de inclusão na educação superior: uma análise das narrativas de acadêmicos surdos no contexto da UNIR campus de Vilhena. 2021. 169 f. Dissertação (Mestrado) **Universidade Federal de Mato Grosso**, 2021. Disponível em: <http://ri.ufmt.br/handle/1/2701>. Acesso em: 26 mar. 2025.
- BARBOZA, Polliana; DORZIAT, Ana. Inclusão de surdos no Ensino Superior: as práticas pedagógicas sob o olhar de estudantes surdos. **Comunicações**, São Paulo, v. 26, n. 2, p. 111-125, 2019. Disponível em: <https://www.periodicos.capes.gov.br/index.php/acervo/buscar.html?task=detalhes&source=all&id=W2996422481>. Acesso em: 31 mar. 2025.
- BRASIL. **Lei nº 14.191, de 3 de agosto de 2021**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), para dispor sobre a modalidade de educação bilíngue de surdos. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 4 ago. 2021. Seção 1. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2021/lei/l14191.htm. Acesso em: 31 mar. 2025.
- COLARES, Anselmo Alencar. A inserção da Amazônia no modo de produção hegemônico e no Projeto Educacional da Modernidade. **Revista Exitus**, [s. l.], v. 12, n. 1, 2022. DOI: 10.24065/2237-9460.2022v12n1ID2003. Disponível em: <https://portaldeperiodicos.ufopa.edu.br/index.php/revistaexitus/article/view/2003>. Acesso em: 31 mar. 2025.
- CORAZZA, Sandra Mara. Labirintos da pesquisa, diante dos ferrolhos. **Educação & Realidade**, [s. l.], v. 27, n. 1, p. 125-142, 2002. Disponível em: https://www.academia.edu/34853764/LABIRINTOS_DA_PESQUISA_DIANTE_DOS_FERROLHOS. Acesso em: 27 mar. 2025.
- DELEUZE, Gilles. **Diferença e repetição**. Tradução Luiz Orlandi, Roberto Machado. 2. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2006.
- DENZIN, Norman Kent; LINCOLN, Yvonna Sessions. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- FERREIRA NETO, João Leite. Pesquisa e metodologia em Michel Foucault. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, 31 (3), 411-420. 2015. <https://doi.org/10.1590/0102-377220150321914100420> Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ptp/a/XJ5PQ4kks5MgRNfX8WCmyf/?lang=pt>. Acesso em: 1 abr. 2025.
- FIGUEIREDO, Nilzilene Gomes de. A oferta de ensino superior por Universidades Federais no interior da Amazônia: da UFPA à UFOPA em Santarém-PA/Brasil. **Revista Exitus**, [s. l.], v. 10, n. 1, 2020. DOI: 10.24065/2237-9460.2020v10n1ID1285. Disponível em:

<https://portaldeperiodicos.ufopa.edu.br/index.php/revistaexitus/article/view/1285>. Acesso em: 1 abr. 2025.

FILIETAZ, Marta Rejane Proença. Contribuições da Língua de Sinais para o desenvolvimento profissional dos docentes surdos: condições de trabalho e protagonismo profissional. **Revista Transmutare**, Curitiba, v. 1, n. 1, p. 54-70, jan./jun. 2016. Disponível em: <https://periodicos.utfpr.edu.br/rtr/article/viewFile/4022/2906>. Acesso em: 31 mar. 2025.

FOUCAULT, Michel. **A verdade e as formas jurídicas**. Tradução Eduardo Brandão. 3. ed. Rio de Janeiro: NAU Editora, 2002.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**. curso no Collège de France (1975-1976). 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

GIANOTTO, Adriano de Oliveira. O protagonismo da pessoa surda do ponto de vista do desenvolvimento local. Tese (Doutorado) **Universidade Católica Dom Bosco**, 2020, 144 f. Disponível em: <https://site.ucdb.br/public/md-dissertacoes/1034808-tese-adriano-de-oliveira-gianotto.pdf>. Acesso em: 27 mar. 2025.

GUIMARÃES, Jonathan Rafael Cardoso; PINHEIRO, Daiane. A educação de surdos na Amazônia Santarena. In: COLARES, Maria Lília Imbiriba Sousa; QUARESMA, Edilan Sant'Ana; PEREIRA, Denilson Diniz; ARRUDA, Elenise Pinto (Orgs.). **Educação e realidade amazônica**. Uberlândia, MG: Navegando, 2024. 311 p. Disponível em: <https://repositorio.ufopa.edu.br/jspui/handle/123456789/2222>. Acesso em: 31 de mar. 2025.

HOLL, Raquel Valle; BAECK, Heidi Elizabet. O desafio da inclusão do aluno surdo no ambiente escolar. In: CRUZ, Osilene Maria de Sá e Silva da (Org.). **Educação de surdos em perspectiva bilíngue**. Rio de Janeiro: INES, 2023. p. 159-176.

KELMAN, Celeste Azulay; SANTOS, Paulo José Assumpção dos. Em outras palavras: um currículo intercultural no ensino de História para Surdos. **Revista Espaço do Currículo**. João Pessoa, v. 13, p. 808-819, dez. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/rec/article/view/54416>. Acesso em: 31 mar. 2025.

LARA, Ana Paula Gomes. Experiências de protagonismo surdo. Dissertação (Mestrado) **Universidade do Vale do Rio dos Sinos**, 2021. Disponível em: <https://repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/9830?show=full>. Acesso em 7 fev. 2025.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, [s. l.], n. 19, p. 20-28, 2002.

LEMOS, Flávia Cristina Silveira; SANTOS, Igor do Carmo; FERREIRA, Evelyn Tarcilda Almeida; SOUSA, Luzia Poça; ARRUDA, André Benassuly. Paradoxos do exercício de práticas de biopoder na Amazônia paraense. **Revista de psicologia: Factual**, [s. l.], v. 28, n. 3, p. 316-323, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/fractal/a/tLhYyDcQPg5CcWTScZxBqxh/?format=pdf>. Acesso em: 4 fev. 2025.

LIRA, Darlene Seabra de. Política pública de educação bilíngue (Libras/Português) em Santarém - Pará: o que sinalizam os surdos. 2022. 170 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Sociedade) – **Universidade Federal do Oeste do Pará**, Santarém, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufopa.edu.br/jspui/handle/123456789/782>. Acesso em: 31 mar. 2025.

LOBO, Lilia Ferreira. **Os infames da história**: pobres, escravos e deficientes no Brasil. Rio de Janeiro: Editora Lamparina, 2008.

LOPES, Maura Corcini; MENEZES, Eliana Pereira de; GRAFF, Patrícia. Entrevista com a Professora Maura Corcini Lopes: a produção do ser surdo na experiência da educação. **Revista Brasileira de Educação Especial**, [s. l.], v. 29, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbee/a/SQTgBHxyKW8QCqWxx9m5LCs/?lang=pt>. Acesso em: 31 mar. 2025.

PINHEIRO, Daiane; FREIRE, Sofia. Educação especial na educação inclusiva: diferentes contextos, diferentes efeitos. **Revista Exitus**, [s. l.], v. 12, n. 1, 2022. DOI:10.24065/2237-9460. Disponível em: <https://portaldeperiodicos.ufopa.edu.br/index.php/revistaexitus/article/view/1644>. Acesso em: 31 mar. 2025.

PINHEIRO, Daiane; DUARTE, Sabrina Maiara de Sousa. Professores do atendimento educacional especializado e de sala de aula regular: articulações e avaliações sobre o ensino e aprendizagem de alunos incluídos. **Revista Exitus**, [s. l.], v. 7, n. 1, p. 254-268, 2017. DOI: 10.24065/20177ID193. Disponível em: <https://portaldeperiodicos.ufopa.edu.br/index.php/revistaexitus/article/view/193>. Acesso em: 31 mar. 2025.

PINHEIRO, Daiane. Cultura surda em uma região amazônica: a diferença narrada pelos surdos. **Revista Exitus**, [s. l.], v. 5, n. 2, p. 183-193, 2016. Disponível em: <https://portaldeperiodicos.ufopa.edu.br/index.php/revistaexitus/article/view/71>. Acesso em: 31 mar. 2025.

QUADROS, Ronice Müller de. **Língua de herança**: língua brasileira de sinais. Porto Alegre: Penso, 2017.

RIBEIRO, Sabrina Denise; ARANTES, Priscila. Cultura surda em museus: o lugar de fala na mediação de surdos. **DAT Journal**, São Paulo, v. 7, n. 3, p. 1-17, 2022. Disponível em: <https://datjournal.anhemi.br/dat/article/view/679/492>. Acesso em: 31 mar. 2025.

RUZZA, Maura Lopes Figueira de. Currículo, protagonismo surdo e emancipação. **Revista e-Curriculum**, [s. l.], v. 20, n. 1, p. 302-318, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.23925/1809-3876.2022v20i1p302-318>. Acesso em: 17 nov. 2024.

SKLIAR, Carlos Bernardo (Org.). **A surdez**: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Ed. Mediação, 1998.

SOUZA, Sandra Rosa de Magalhães. Influência da trajetória escolar na aquisição do português escrito como L2 por surdos do ensino superior: comparando dados. 2022. Dissertação (Mestrado) **Universidade Católica de Pernambuco**, 2022. Disponível em: https://bdt.d.ibict.br/vufind/Record/UCAP_684058ad24c9be56332c4944cbe37856. Acesso em: 31 mar. 2025.

SANTOS, Paulo José Assumpção dos. Onde estão os surdos na História? Uma experiência curricular no Ensino de História em escola inclusiva. 2023. Tese (Doutorado) **Universidade Federal do Rio de Janeiro**, 2023. Disponível em: <https://ppge.educacao.ufrj.br/ppge-teses-2023.html>. Acesso em: 31 mar. 2025.

SILVA, Micheli Porn da. A constituição da identidade de estudantes surdos: o protagonismo dos surdos na escola bilíngue. 2022. Dissertação (Mestrado) **Universidade de Caxias do Sul**, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ucs.br/xmlui/handle/11338/10683>. Acesso em: 31 mar. 2025.

STROBEL, Karin. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2008.

Recebido em dezembro 2025 | Aprovado em março 2026

MINI BIOGRAFIA

Daiane Pinheiro

Doutora em Educação pela Universidade de Lisboa – PA. Professora Associada do curso de Letras Libras e do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Oeste do Pará e coordenadora do Grupo de Pesquisa em Educação Especial e Processos Inclusivos.

Email: daianepinheiroufopa@gmail.com

Jonathan Rafael Cardoso Guimarães

Mestrando em Educação pela Universidade Federal do Oeste do Pará. Técnico Tradutor Interpretador de Libras da Universidade Federal do Oeste do Pará e integrante do Grupo de Pesquisa em Educação Especial e Processos Inclusivos.

E-mail: jonathan.guimarães@ufopa.edu.br

Sofia Freire

Doutora em Educação pela Universidade de Lisboa – PT. Pós doutora do Centro de Investigação e Intervenção Social do Iscte - Instituto Universitário de Lisboa. Professora de formação inicial docente e do programa de pós-graduação em Educação da Universidade de Lisboa – PT. Investigadora integrada na UIDEF (UID/04107/2025), financiada pela FCT (doi:10.54499/UID/04107/2025).

E-mail asraposo@ie.ulisboa.pt